

HISTÓRIA, HISTORIOGRAFIA E O "DESCOBRIMENTO" DO BRASIL

Alfredo Moreira da SILVA JÚNIOR (PG-UNESP E FASC)

ABSTRACT: Historiographical analisys of the Brazil Discoverer

KEYWORDS: History, Historiographical, Discoverer

1. Historiografia e História.

No vernáculo o termo história é visto como o passado da humanidade ou o estudo deste passado, ou ainda , uma narração, uma copilação. Para o historiador, história significa, ao mesmo tempo, os acontecimentos que se passaram e o estudo destes acontecimentos, neste sentido, o objeto da história é o homem, mais precisamente, o homem em sociedade, as transformações humanas desde o aparecimento do homem até os dias atuais, todos somos parte da história e todos temos uma ação concreta a desempenhar nela.

O homem faz a história porém, dentro de condições reais de existência já preestabelecidas e não nas condições que sonhamos.

A função da história é a de fornecer à sociedade uma explicação sobre ela mesma, ver as transformações pelas quais passaram as sociedades humanas. Em relação às transformações ocorridas nas sociedades interessaria ao historiador os momentos ditos de “ ruptura ” como por exemplo o caso da Revolução Francesa, porém, percebemos que mesmo nas Revoluções algumas estruturas sociais conseguem resistir, desta forma ao historiador, passa a interessar também o estudo das permanências.

Enquanto o termo história relaciona-se de alguma forma ao estudo das transformações ocorridas na sociedade no passado, o termo historiografia está relacionado à arte de escrever a história, ou seja, é a arte da descrição dos acontecimentos,ou ainda , no dizer de Le Goof¹ a história da história.

¹ Le GOFF, Jacques. História e Memória. 4.ed. Campinas : Ed. da UNICAMP, 1996. Trad. de Bernardo Leitão et alii. p.12.

Diante da maneira de se escrever a história , podemos dividir a produção histórica em três momentos : história crônica, história ciência e história total.

História crônica : a história era entendida como mestra da vida, servia para dar lições de moral e de comportamento, era a história dos heróis, dos reis e das batalhas, nela não havia lugar para os homens “comuns”.

História ciência : Essa historiografia está ligada ao desenvolvimento dos métodos de investigação, ao estudo das fontes, na busca da veracidade do fato através da análise de documentos escritos. A finalidade da história-ciência era pragmática : compreender o passado e apontar diretrizes para o futuro. Buscava-se assim, uma aproximação da história com as ciências naturais.

História Total : neste momento a história está intimamente ligada às ciências sociais, busca o estudo dos acontecimentos , das conjunturas e das estruturas.

A decisiva mudança de rumo ocorreu a partir de 1929, com a criação dos Annales, por Lucien Febvre e Marc Bloch : estes historiadores fizeram da referida revista um ponto de encontro e de debates entre historiadores e cientistas sociais, em geral. Graças ao seu estímulo começou a revolução que conduziu ao estado presente da historiografia francesa, cuja influência sobre muitos historiadores latino-americanos sempre foi grande. Em uma primeira fase, foram os estudos econômicos da conjuntura que mais influenciaram os historiadores, estimulando o estudo dos preços e dos salários. Entretanto, o grande movimento de contato e discussão com as ciências sociais mudou de direção – mais de uma vez – a par da década de 30 sob novas influências : do estruturalismo linguístico e antropológico, da demografia, da escola de Chicago. A importância de Fernand Braudel e Ernest Labrousse foi fundamental, no sentido de orientar os historiadores para o estudo das estruturas – além dos acontecimentos e dos ciclos conjunturais. Ao contato das outras ciências do homem, a história interessou-se pelos fatos recorrentes, ao lado dos singulares – a partir de 1930, aproximadamente – pelas realidades conscientes, juntamente com as que pudessem ter fugido à consciência dos contemporâneos – por exemplo, os ciclos conjunturais de longa duração.²

² CARDOSO, Ciro Flamarion ; BRIGNOLI, Héctor Pérez. *Os Métodos da História*.

3. A historiografia brasileira – problemas e perspectivas .

Um dos principais problemas encontrado pelo historiador no tocante à história do Brasil, é vencer os preconceitos dos leigos a respeito da validade e importância de seu estudo, preconceitos estes já existentes ao longo de boa parte da história de nosso país, uma vez que a história pode ter um caráter questionador sobre as estruturas sociais, no entanto, tais preconceitos foram ampliados sobretudo por duas décadas de ditadura militar onde a censura e a repressão não se aplicava apenas aos meios de comunicação e às produções artísticas, mas sobretudo, na produção intelectual.

A historiografia brasileira atual não se libertou dos problemas e dos temas da velha historiografia que Varnhagen inaugurou, e suas variações são tão pequenas, que pouco contam na produção geral. Não se busca a correspondência entre os tempos históricos, especialmente os mais significativos, para a compreensão do futuro. A História é só a voz do passado e do museu das antigüidades...

... O caráter oficial da seleção dos fatos, (nos livros didáticos) o sentido elitista do processo histórico, com o acento sobre a importância da liderança e a insignificância do povo, a total ausência de espírito crítico, a conformação incontestável ao processo histórico dos vencedores, ensino uma história conformista, compromissória, privilegiada, anti-reformista,, e conservadora.³

Como exemplos do caráter oficialista de nossa história, temos, o mito da democracia racial, até a pouco tempo amplamente disseminado pelos livros didáticos, e ainda glorificado por nossas instituições como por exemplo o exército lembrando a Batalha de Guararapes como o marco de seu próprio surgimento.

Alguns autores, ao invés de descobrir as origens das contradições em nossa sociedade, atribuem os males de nosso país à própria população, ou seja, é impossível lutar contra o próprio destino, a menos é claro que surja um grande líder capaz de redimir a nação.

A Fundação da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Sociais da Universidade de São Paulo, significou um marco para a historiografia brasileira, uma vez que por influência da historiografia francesa, as

Rio de Janeiro: Graal, 1983, p.23 e 24.

³ RODRIGUES, José Honório. *Vida e História*. Civilização Brasileira: Rio de Janeiro, 1966, p. 48-58.

pesquisas iniciadas ali vão abrindo cada vez mais novas perspectivas, no entanto, os já citados períodos de autoritarismo pelos quais passou nosso país, sem dúvida alguma acabaram tolhendo amplamente a possibilidade de demonstrar ao público essa “ Nova História ” prova disso são as coleções publicadas nas décadas de 60 e 70 sob a coordenação de Sérgio Buarque com a colaboração de nomes expressivos da Universidade de São Paulo que, no entanto, mantiveram o ranço da história tradicional.⁴

Com a redemocratização, os historiadores, passaram a ter a oportunidade de rever o processo histórico e publicar obras que realmente procurassem desvendar as causas das contradições na sociedade brasileira, no entanto, hoje enfrentamos dois problemas, tanto do ponto de vista da pesquisa quanto do ensino: o primeiro deles diz respeito à relutância da sociedade como um todo em verificar a importância da pesquisa em história enquanto subsídio para a compreensão da realidade nacional, o segundo advém da extrema dificuldade dos professores em se adequar à Nova História e a redimensionar os programas e as técnicas de ensino para inserir o aluno neste novo contexto.

O descobrimento do Brasil Através dos Clássicos :

Frei Vicente Salvador é considerado o primeiro historiador brasileiro, embora existam trabalhos anteriores à sua obra não foram produzidos por brasileiros natos, era filho de um náufrago português que se fixou no Brasil , ao que parece, iniciou seus estudos nas capelas dos grandes engenhos da época e posteriormente , ingressou na ordem franciscana, não sabemos ao certo onde completou seus estudos, porém tornou-se importante na hierarquia clerical, supõe-se que tenha nascido por volta de 1567 e sua obra data de 1627.

Na obra de Frei Vicente Salvador vemos a origem da teoria do acaso como aponta o seguinte texto :

A Terra do Brasil, que está na América, uma das quatro partes do mundo, não se descobriu de propósito e de principal intento, mas acaso, indo Pedro Álvares Cabral, por mandado de el-rei Dom Manoel no ano de 1500 para a Índia por capitão-mor de doze naus. Afastando-se da costa da Guiné , que já era

⁴ O texto refere-se à coleção Grandes Personagens de Nossa História publicada naquele período pela Editora Abril Cultural e Organizada por Sérgio Buarque de Holanda.

*descoberta alguma; foi a costeando alguns dias com a tormenta até chegar a um porto seguro, do qual a terra vizinha ficou com o mesmo nome.*⁵

Na mesma obra Frei Vicente atribuí ao nome Brasil a origem de muitos males para esta terra, uma vez que o nome Terra de Santa Cruz, foi esquecido em virtude da importância econômica da madeira avermelhada. Para o pensamento cristão, uma terra onde os moradores esqueceram um nome onde se homenageava o próprio redentor, não poderia prosperar. A importância da obra consiste no seu valor documental, muito além do historiográfico, uma vez que o texto é meramente narrativo, ou descritivo, em alguns trechos é comum o autor utilizar termos como “ dizem que ” ou “ fala-se ”. Podemos perceber claramente que seus inscritos vão inspirar muitos historiadores nos próximos séculos. Tal situação permanece inalterada até 1883, quando Capistrano de Abreu, na época funcionário da Biblioteca Nacional candidata-se à Cadeira de História do Brasil do Colégio Pedro II defendendo a Tese : Descobrimto do Brasil e seu desenvolvimento no século XVI.

Capistrano de Abreu desenvolve uma discussão bastante consistente sobre a intencionalidade do descobrimento do Brasil, para tanto cita um trecho da carta escrita ao Rei D.Manuel por mestre Joanes Emenelaus em Porto Seguro. Diz o mestre que ... *em um antigo mapa-múndi, pertencente a Pero Vaz Bisagudo, poderá el-rei ver o sítio da terra...*⁶

Além da citada carta, o autor ressalta que o descobrimento do Brasil explica-se muito mais facilmente pela viagem de Vasco da Gama, pelas instruções que redigiu e pelo contexto da Época. No roteiro de Viagem de Vasco da Gama , o navegador, estando a 22 de Agosto de 1497 a 800 léguas da Costa Africana, encontrou inúmeras aves que à noite voavam para o sudoeste, os portugueses, fizeram a maior parte de suas descobertas seguindo o rumo das aves, Vasco da Gama não descobriu o Brasil talvez devido à firme resolução de encontrar o caminho marítimo para as Índias e não divertir-se com outras empresas. *É pois fora de dúvida que Vasco da Gama teve não suspeita, como nos assegura Camões mas certeza de uma terra ainda não conhecida.*⁷

⁵ SALVADOR, Vicente . *História do Brasil 1500-1627*. Revista por Capistrano de Abreu, Rodolfo Garcia e Venâncio Willeke. São Paulo: Melhoramentos, 1965, p.56.

⁶ ABREU, Capistrano. O descobrimento do Brasil. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1976, p. 35.

⁷ Idem p.36.

Nas entrevistas que teve com Pedro Álvares Cabral, pode , o navegador, ter indicado propositalmente como a melhor rota para as Índias, a costa brasileira que não pode chegar a conhecer.

*“ Estas instruções, interpreta Dávezac, si sttendermos á direcção conhecida dos ventos aliseos do hemispherio austral, equivalem a uma recommendação expressa de tomar a partir do encontro delles, a bordada de sudoeste para correr com amuras a bombordo, enquanto o vento escasseasse, fazendo bom caminho para ganhar a região ulterior, em que o vento permitisse governar direito a léste para dobrar o Cabo”.*⁸

Nas instruções formuladas por Vasco da gama já estava implícito o descobrimento do Brasil, devemos ainda lembrar que o descobrimento do novo mundo trouxe uma competição entre Portugal e Espanha por novos descobrimentos, talvez este tivesse sido o motivo que levou Cabral a seguir um pouco mais rumo ao sudoeste para chegar às novas terras.

Ainda na primeira metade do século XX temos em Jaime Cortesão⁹ (Português exilado na Espanha) um árduo defensor da intencionalidade do descobrimento do Brasil. Para defender seu ponto-de-vista, lança mão de dois pontos importantes :

- a) Nenhum dos relatos contemporâneos da viagem menciona algum fato anormal que influíssem rota, tal como uma tempestade, calmarias prolongadas ou correntes violentas.
- b) Pero Vaz de Caminha não relata na carta que escreveu ao Rei D.Manoel, qualquer anormalidade além do desaparecimento do barco de Vasco de Ataíde, embora se refira às calmarias , a armada de Cabral conseguiu fazer a rota Lisboa - Porto Seguro em tempo record ou seja, 44 dias, mesmo navios mais modernos que os utilizados por Cabral, não conseguiram baixar este tempo, o que significa que a rota foi cuidadosamente traçada para permitir a empreitada.

Tanto Capistrano quanto Cortesão formularam suas teorias a partir do espírito crítico e investigativo próprio do historiador, porém, um documento escrito no final do século XV por Duarte Pacheco que havia desaparecido por quase quatro séculos veio a confirmar suas teorias, referimo-nos ao “Esmeraldo de Situ Orbis ” escrito por Duarte Pacheco entre 1505 e 1508 o documento foi escrito em linguagem cifrada para evitar a espionagem de outras nações interessadas nos descobrimentos, o próprio nome do documento é um

⁸ Apud .p.37.

⁹ CORTESÃO, Jaime; CALMON, Pedro. *Brasil* (coleção História de América)
Barcelona: Salvat, 1956, p.188-189.

anagrama que associa as iniciais em latim do rei português (Emmanuel) e do descobridor (Eduardus) , de Situ Orbis significa dos sítios da Terra , portanto, da decifração do anagrama temos “ O Tratado dos novos lugares da Terra por Manoel e Duarte ” neste documento aparece claramente quem foi o verdadeiro descobridor do Brasil : “ *Como no terceiro ano de vosso reinado do ano de Nosso Senhor de mil quatrocentos e noventa e oito, donde nos vossa alteza mandou descobrir a parte ocidental, passando além da grandeza do mar Oceano, onde é achada e navegada uma tam grande terra firme, com muitas ilhas adjacentes a ela e é grandemente povoada. Tanto se dilata sua grandeza e corre com muita longura, que de uma arte nem da outra não foi visto nem sabido o fim e o cabo dela. É achado nela muito e fino brasil com outras muitas cousas de que os navios nestes reinos vem grandemente povoados.*”¹⁰

O documento elaborado por Duarte Pacheco chegou a ser roubado por um espião italiano , Giovanni Gesio, a serviço do rei da Espanha em 1573, após este episódio, o manuscrito somente reapareceu em 1892, foram localizadas duas cópias, uma numa biblioteca de Lisboa, outra na cidade de Évora.

A historiografia brasileira mais recentes já incorpora esta nova visão acerca do descobrimento do Brasil, após citar o fragmento de texto citado acima, Francisco Carlos Teixeira da Silva conclui : “... assim, mesmo antes de 1500, tem-se na corte portuguesa, a comprovação da existência de terras no hemisfério ocidental.”¹¹

Do ponto de vista náutico, em trabalho recentemente publicado pelo ministério da marinha, o Contra-Almirante Max Justo Guedes defende a tese que a rota de aproximação da esquadra cabralina era no sentido noroeste, ou seja, às vésperas do descobrimento Cabral estaria em alto-mar mais ao sul de Porto Seguro e mudou seu rumo propositalmente em busca de terra . A partir de uma análise das cartas náuticas atuais, dos ventos, e da descrição que Pero Vaz de Caminha faz do Monte Pascoal, o Contra-Almirante percorreu a possível rota utilizada por Cabral verificando exatamente que somente no sentido noroeste é que se tem a visão do Monte Pascoal da maneira que é descrito na Carta a el-rei.¹²

¹⁰ PACHECO, Duarte . *Esmeraldo de Situ Orbis* in IstoÉ nº 1469 – 26/10/97.

¹¹ SILVA , Francisco Carlos Teixeira da. *Conquista e Colonização da América portuguesa* In LINHARES, Maria Yedda (org.) História Geral do Brasil. 6ª ed. Rio de Janeiro: Campus, 1996, p.25.

¹² GUEDES, Max Justo . O descobrimento do Brasil
Rio de Janeiro: Ministério da Marinha, 1998.

Considerações Finais :

As novas tendências historiográficas brasileiras apontam para novas abordagens tanto dos fatos históricos quanto da conjuntura que o cerca, notadamente nos últimos anos , novas perspectivas na área da pesquisa tem se mostrado bastante viáveis tanto do ponto de vista teórico metodológico como comercial como exemplo temos A história da Vida Privada, A história das Mulheres, várias abordagens sobre a Prostituição, dentre outras. Tais tendências demonstram sobretudo que embora a história dos heróis ainda resista é com as pessoas comuns que o historiador realmente está encontrando seu espaço.

Quanto ao descobrimento do Brasil, diante das abordagens vistas até o momento podemos deduzir que o próprio termo “ descobrimento ” continua a ser utilizado mais por tradição que por qualquer outro motivo, no entanto, a mitificação de personagens da história ainda persiste em alguns manuais didáticos, cabe pois a cada professor historiador procurar repensar e a história brasileira.

RESUMO: Análise historiográfica sobre o " descobrimento" do Brasil

PALAVRAS-CHAVE: história, historiografia, descobrimento

Bibliografia :

- ABREU, Capistrano. O descobrimento do Brasil. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1976.
- CARDOSO, Ciro Flamarion ; BRIGNOLI, Héctor Pérez. *Os Métodos da História*. Rio de Janeiro: Graal, 1983.
- CORTESÃO, Jaime; CALMON, Pedro. *Brasil* (coleção História de América) Barcelona: Salvat, 1956.
- DOSSE, François . *História em migalhas dos Annales à Nova História*. 2.ed. São Paulo : Ensaio; Campinas : Ed. da UNICAMP, 1992. Trad. Dulce A. Silva Ramos.
- GUEDES, Max Justo . *O descobrimento do Brasil*. Rio de Janeiro: Ministério da Marinha, 1998.
- Le GOFF, Jacques. *História e Memória*. 4.ed. Campinas : Ed. da UNICAMP, 1996. Trad. de Bernardo Leitão et alii.
- PACHECO, Duarte . *Esmeraldo de Situ Orbis* in IstoÉ nº 1469 – 26/10/97.
- RODRIGUES, José Honório. *Vida e História*. Civilização Brasileira: Rio de Janeiro, 1966, p. 48-58.
- SALVADOR, Vicente . *História do Brasil 1500-1627*. Revista por Capistrano de Abreu, Rodolfo Garcia e
-

Venâncio Willeke. São Paulo: Melhoramentos, 1965.
SILVA , Francisco Carlos Teixeira da. *Conquista e Colonização da América portuguesa* In LINHARES,
Maria Yedda (org.) História Geral do Brasil. 6^a ed. Rio de Janeiro: Campus, 1996.